

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

**NOS LIMITES DA FRONTEIRA: UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO DE
DOIS MANUAIS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SERGIPE**

Hermeson Alves de Menezes
Mestrando em Educação – NPGED/UFS
Bolsista CAPES

Os livros de História de Sergipe destinados ao uso didático tem se caracterizado pela inconstância em sua produção. Entre os anos de 1897 – com a publicação da *Chorographia do Estado de Sergipe*, de Silva Lisboa, considerado o primeiro livro didático sobre a história sergipana – e o ano de 2008, apenas doze obras foram editadas, algumas delas produzidas por autores não-sergipanos. Nos últimos dez anos, somente duas iniciativas se realizaram. O presente trabalho investiga a produção dos manuais *Sergipe nossa história* (2005) - dos professores sergipanos Wanderley Corrêa, Marcos Vinicius dos Anjos e Luiz Fernando Corrêa -, e *Sergipe História e Geografia* (2007) - dos professores da Universidade Federal de Alagoas Celmi Farias Medeiros e Eduardo Frigoletto de Menezes. Nosso objetivo é revelar as aproximações e distanciamentos na construção da narrativa histórica sobre a experiência sergipana, tendo como foco os olhares, textual e imagético, de autores sergipanos e não-sergipanos. Em nossa análise foram levados em conta tanto os aspectos historiográficos quanto de planejamento gráfico-visual. Foram investigados, portanto, o formato, uso das cores, número de páginas, forma de encadernação, as imagens utilizadas para ilustrar os manuais, de que forma textos e imagens foram inseridos na página impressa, qual a tipografia utilizada, de que maneira foram dispostos os textos, quais as atividades propostas, quais os marcos temporais escolhidos e os personagens selecionados para compor as histórias de Sergipe. Este estudo faz parte das investigações realizadas dentro do Grupo de Pesquisas Sobre Ensino de História – GPEH, ligado ao Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, e complementa as pesquisas sobre os livros didáticos de História de Sergipe desenvolvidas no Mestrado em Educação do NPGED/UFS.

Palavras-chave: Livro didático, ensino de História, projeto gráfico.

Introdução

O presente trabalho é parte dos resultados das pesquisas sobre a escrita didática da História Regional, nas investigações realizadas sobre os livros didáticos de história regional realizados no Grupo de Pesquisas sobre Ensino de História – GPEH, dentro do projeto “História regional para as séries iniciais da educação básica no Brasil: o texto

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

didático em questão”, coordenado pelo prof. Dr. Itamar Freitas, do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe.

Iniciada em 1996, a avaliação dos livros didáticos dentro do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) – criado em 1985 -, traz, a partir do *Guia do Livro Didático* de 2007, as resenhas avaliativas sobre os livros didáticos de história regional, os quais são, segundo o *Guia* do MEC, “aqueles que pretendem trabalhar com a História, delimitando um recorte espacial, podendo ser uma capital ou um estado do país” (BRASIL, 2006, p. 21). A inserção dos livros regionais, por si só, demonstra a importância destes manuais no processo educacional brasileiro e nos despertou a necessidade de dar respostas a algumas questões, tais como: o período no qual se inicia publicação de livros didáticos de história regional no Brasil, quais os estados brasileiros contemplados com essas publicações, quais gêneros historiográficos são utilizados na escrita didática de livros de história regional no país, bem como as representações construídas sobre o espaço de que tratam esses didáticos – aspecto de que trata a presente comunicação.

Como artefato de múltiplas faces, o livro didático de história é também depositário das visões historiográficas apresentadas pelos historiadores. Em especial, os livros didáticos de história regional refletem as tentativas de demarcação de um universo próprio, singular e diferenciador de identidades dentro da historiografia produzida no e sobre o Brasil. Nestes manuais, se busca ensinar aos alunos os atributos definidores da identidade regional – língua, religião, culinária, festas, folclore, artesanato, modos de viver etc. – que diferenciam determinado grupo social dos demais, mesmo que pertençam ao que se convencionou chamar de Nação.

Um dos dois únicos estados a não apresentar livros para a avaliação do PNLD - juntamente com Alagoas -, Sergipe tem se caracterizado pela inconstância em sua produção. Entre os anos de 1897 – com a publicação da *Chorographia do Estado de Sergipe*, de Silva Lisboa, considerado o primeiro livro didático sobre a história sergipana – e o ano de 2008, apenas doze obras foram editadas, algumas delas produzidas por autores não-sergipanos. Nos últimos dez anos, somente duas iniciativas se realizaram. O presente trabalho investiga a produção dos manuais *Sergipe nossa*

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

história (2005) - dos professores sergipanos Wanderley Corrêa, Marcos Vinicius dos Anjos e Luiz Fernando Corrêa -, e *Sergipe: História e Geografia* (2007) - dos professores da Universidade Federal de Alagoas Celmi Farias Medeiros e Eduardo Frigoletto de Menezes. Nosso objetivo é revelar as aproximações e distanciamentos na construção da narrativa histórica sobre a experiência sergipana, tendo como foco os olhares, textual e imagético, de autores sergipanos e não-sergipanos. Em nossa análise foram levados em conta tanto os aspectos historiográficos quanto de planejamento gráfico-visual. Foram investigados, portanto, o formato, uso das cores, número de páginas, forma de encadernação, as imagens utilizadas para ilustrar os manuais, de que forma textos e imagens foram inseridos na página impressa, qual a tipografia utilizada, de que maneira foram dispostos os textos, quais as atividades propostas, quais os marcos temporais escolhidos e os personagens selecionados para compor as histórias de Sergipe.

As obras

O livro *Sergipe nossa história*¹ (2005) - dos professores sergipanos Wanderley Corrêa, Marcos Vinicius dos Anjos e Luiz Fernando Corrêa, tem 93 páginas, mede 20,5 X 20,5 cm, está encadernado em modo brochura, tem capa impressa em quatro cores e miolo impresso em preto. É destinado – segundo os próprios autores – aos estudantes do Segundo Ciclo (3ª e 4ª séries) do ensino fundamental, assim como ao Terceiro Ciclo (5ª e 6ª séries).

O livro *Sergipe: História e Geografia*² (2007) - dos professores da Universidade Federal de Alagoas Celmi Farias Medeiros e Eduardo Frigoletto de Menezes, tem 75 páginas³, mede 20,3 X 27 cm, está encadernado em espiral, tem capa e miolo impressos em quatro cores. A ficha catalográfica informa ser uma obra destinada ao ensino fundamental, porém não indica série específica.

¹ A partir de agora vamos nos referir ao livro *Sergipe Nossa História* como SNH.

² A partir de agora vamos referir ao livro *Sergipe: História e Geografia* como SHG.

³ A quantidade de páginas refere-se, apenas, à parte destinada ao ensino de História. Os demais dados também levam em conta apenas as páginas sobre História.

O uso das cores

As cores são ponto de distinção visível entre as duas obras, uma vez que o livro *SNH* utiliza cores apenas na capa, tendo seu conteúdo interno todo impresso em preto e retículas (tons de cinza) – a opção por uma só cor prejudicou em certa medida a apresentação visual da obra. Já o livro *SHG* aproveita-se dos recursos de cor tanto na capa quanto no conteúdo interno. Nesta obra as cores valorizam a apresentação das imagens, hierarquizam o conteúdo – títulos são em cores para diferenciar do texto principal em preto -, identificam seções, destacam informações – através de boxes -, e em alguns casos cumprem função apenas de embelezamento da página.

A tipografia e a disposição dos textos

O livro *SNH* acertou na opção de utilização de apenas três tipos, o que ajuda na hierarquia das informações – as entradas de unidade e cabeçalho dos capítulos estão em uma fonte, os títulos, entretítulos e atividades estão em outra e, por fim, os textos estão em uma terceira fonte. A ressalva a ser feita se refere ao tamanho das fontes nos textos principais, considerada pequena para a faixa etária inicial à qual a obra se destina⁴. A opção de distribuição dos textos em colunas duplas se por um lado facilita a leitura por se adequar à quantidade de caracteres por linha desejável à leitura de crianças, por outro lado confunde em alguns momentos a sequência de texto a ser lida. A obra tem problemas de espaçamento nas colunas de texto, bem como entre títulos, subtítulos e textos principais, além de em alguns casos a legenda das fotos estar quase que tocando o texto principal. Não há variedade de alinhamento dos textos, sendo todos eles justificados em ambos os lados, causando a impressão de “blocos” e imprimindo ao livro uma visualidade fixa.

⁴ Segundo Burt (1959), os padrões a serem considerados levando-se em conta idade x corpo, na tipografia para livros didáticos infantis é: menor que 7 anos: 24 pontos; entre 7 e 8 anos: 18 pontos; entre 8 e 9 anos: 16 pontos; entre 9 e 10 anos: 14 pontos; entre 10 e 12 anos: 12 pontos; maior que 12 anos: 11 pontos. (BURT, 1959 apud COUTINHO; SILVA, s.d.:7).

A utilização de tipos no livro *SHG* é diversificada – o que em certo ponto causa certa confusão visual. As entradas de unidade e alguns entretítulos utilizam um tipo, os cabeçalhos de capítulo um outro tipo, o anúncio de atividades um outro tipo, um quarto tipo é utilizado nos textos principais e em alguns entretítulos, os boxes utilizam por sua vez outros dois tipos diferentes. Um total de seis famílias de tipo. O tamanho da fonte dos textos principais se adequa ao público leitor, apesar de em média a linha possuir um número de caracteres acima do recomendado, de cerca de 60 caracteres por linha. Com exceção de alguns boxes, os textos estão dispostos em coluna única, variando o alinhamento entre justificado em ambos os lados e acompanhando a forma das imagens – neste caso, o texto adquire um “movimento” e acaba por deixar a leitura mais agradável.

As imagens

Em termos de visibilidade, o livro *SHG* supera *SNH*, uma vez que traz as imagens em melhor resolução, em cores e em tamanhos maiores.

Por se tratar da história sobre uma determinada experiência regional, é de se esperar que as imagens se relacionem, em grande parte, com a delimitação regional estudada. Nesse caso, o livro *SNH* se destaca, conforme podemos ver na tabela 1:

| Livro | Referencial | Quantidade |
|---|---------------------------|-------------------|
| <i>Sergipe Nossa História (96 imagens)</i> | Locais | 35 |
| | Pessoas | 28 |
| | Objetos | 3 |
| | Mapas | 11 |
| | Outras ⁵ | 19 |
| <i>Sergipe: História e Geografia (104 imagens)</i> | Locais⁶ | 53 |
| | Pessoas | 4 |
| | Objetos | 3 |
| | Mapas | 1 |
| | Outras | 43 |

Tabela 1 – Distribuição de imagens sobre Sergipe por referencial.

⁵ Imagens sobre outros lugares, pessoas, objetos e mapas que não fazem referências ao Estado de Sergipe.

⁶ Desse total de imagens, 14 se referem a igrejas.

O livro *SHG* traz 58,7% de imagens relacionadas diretamente a Sergipe e 41,3% de imagens que não tratam da experiência sergipana. Já no livro *SNH* o percentual é de 80,2% de imagens relacionadas diretamente a Sergipe e apenas 19,8% de imagens que não tratam da experiência sergipana.

Ao detalharmos os números, temos ainda duas informações importantes: as referências a pessoas – políticos, tipos humanos, personalidades, intelectuais, artistas, autoridades etc. – que se destacaram na formação de Sergipe ao longo de sua História representa 29,2% das imagens no livro *SNH*, contra apenas 3,8% do livro *SHG*; já os mapas – que podem auxiliar na localização e entendimento de determinados aspectos da narrativa – aparecem em 11,5% das imagens no livro *SNH*, enquanto no livro *SHG* esse percentual é de 1%. Quanto a objetos o percentual é o mesmo nos dois livros – de modo geral mostrando artefatos encontrados no território sergipano, pertencentes ao período pré ou inicial da colonização.

Podemos deduzir, a partir dos dados apresentados que, imageticamente, o livro *SNH* “regionaliza” mais o conteúdo, utilizando, inclusive, de fontes iconográficas pertencente aos acervos históricos sergipanos. Já o livro *SHG* rivaliza, do ponto de vista imagético, as referências sergipanas com imagens já consagradas nos livros didáticos de história, como gravuras de Debret, Rugendas e Franz Post, bem como quase desconsidera a utilização de mapas que auxiliem a localização do aluno frente às informações dadas pela narrativa. Essa característica imagética reflete no modo de escrita e nos recortes temáticos utilizados no livro *SHG*, como veremos adiante.

Os conteúdos

Inicialmente, vamos observar o que nos informa os sumários de cada uma das obras.

O livro *SHG* está dividido em três unidades, cada uma com três capítulos – observamos a repartição da história de Sergipe similar à tradicional divisão da história

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

do Brasil, Colônia-Império-República, apesar de não estar explícito na divisão das unidades, como faz os autores do livro *SNH*. Temos então:

Unidade 1 – Sergipe: período colonial.

Capítulo 1 – Os primeiros habitantes.

Capítulo 2 – A colonização de Sergipe.

Capítulo 3 – A lavoura canavieira e a vinda dos africanos.

Unidade 2 – Sergipe independente.

Capítulo 1 – A invasão holandesa em Sergipe.

Capítulo 2 – A administração de Sergipe.

Capítulo 3 – Cidades históricas mais importantes.

Unidade 3 – Cultura e população sergipana.

Capítulo 1 – Formação da população de Sergipe

Capítulo 2 – Sergipanos ilustres.

Capítulo 3 – A cultura popular em Sergipe.

O livro *SNH* está dividido em quatro unidades – a primeira com três capítulos, a segunda com seis capítulos, a terceira com quatro capítulos e a quarta com onze capítulos -, optando por repartir a história de Sergipe considerando os marcos tradicionais da história do Brasil – Colônia, Império e República -, assim distribuídos:

Unidade 1 – Da pré-história à chegada dos brancos.

Capítulo 1 – A pré-história de Sergipe.

Capítulo 2 – A chegada dos brancos.

Capítulo 3 – A conquista dos “sertões do rio Real”.

Unidade 2 – A capitania de Sergipe D’El Rey.

Capítulo 4 – A colonização.

Capítulo 5 – Os holandeses em Sergipe.

Capítulo 6 – O governo, o povoamento e a sociedade.

Capítulo 7 – A economia e os transportes.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

Capítulo 8 – Os negros e os índios.

Capítulo 9 – Sergipe no início do século XIX.

Unidade 3 – Sergipe província do Império.

Capítulo 10 – A província de Sergipe D’El Rey.

Capítulo 11 – A mudança da capital e a visita do imperador.

Capítulo 12 – A campanha abolicionista.

Capítulo 13 – O movimento republicano.

Unidade 4 – Sergipe no Brasil republicano.

Capítulo 14 – Sergipe na República.

Capítulo 15 – Sergipe no início do século XX.

Capítulo 16 – Aracaju e a modernidade.

Capítulo 17 – O rio Sergipe e o porto de Aracaju.

Capítulo 18 – O cangaço em Sergipe.

Capítulo 19 – O tenentismo e a revolução de 1930 em Sergipe.

Capítulo 20 – Sergipe na Segunda Guerra Mundial.

Capítulo 21 – Do populismo à ditadura militar.

Capítulo 22 – Sergipe e a ditadura militar.

Capítulo 23 – Na atualidade.

Capítulo 24 – Estado e cidadania.

De forma geral, o livro *SHG* conta uma história sobre Sergipe apenas na Unidade 1 e no primeiro capítulo da Unidade 2. O restante da obra é bem mais uma apresentação turística de algumas cidades do estado do que uma problematização sobre a experiência dos sergipanos através do tempo. Além disso, a história do índio sergipano é, na verdade, uma narrativa tradicional sobre os índios no Brasil.

Um exemplo do que ocasiona a generalização de situações que são específicas está à página 19. Foi colocada uma tradicional imagem de Rugendas, *Aldeia dos Tapuias*, ilustrando um texto sobre os índios que viviam em terras de Sergipe comandados pelos caciques Tupinambá Surubi, Serigi e Aperipê. Pois bem, os índios Tupinambá eram de nação Tupi (do litoral) e não Tapuia (do interior). Há portanto um

equivoco gerado pela inserção de uma figura que não condiz com o que o texto apresenta.

O capítulo 3, da unidade 1 apresenta o mesmo problema relacionado aos negros. A história apresentada sobre os negros em Sergipe nada mais é que a história dos negros no Brasil, reforçada pelas imagens de Debret. A legenda presente na foto da página 27 – uma vista aérea da cidade de Laranjeiras –, por exemplo, diz “No município de Laranjeiras ainda hoje se encontram remanescentes de quilombo”. A historiografia sergipana identifica essa comunidade, chamada de Mussuca ou Muçuca, porém o livro não faz qualquer menção ao fato, nem de qual quilombo advém esses remanescentes.

Não há, portanto, especificidade sobre a situação vivida por índios e negros dentro do território sergipano ao longo de sua história.

A unidade 2, denominada “Sergipe independente”, inicia com as invasões holandesas no Brasil (1624), continua com os holandeses em Sergipe, até a expulsão em 1645 e dá um salto de 175 anos! para, em três linhas, informar sobre a Carta Régia assinada em 8 de julho de 1820 por D. João VI que torna Sergipe independente da Bahia. Os processos que levaram à assinatura da Carta, bem como os desdobramentos da mesma não são explorados pelos autores. A partir do segundo capítulo, o livro trata apenas da contemporaneidade de Sergipe e inicia o discurso turístico sobre o Estado.

Ao falar sobre a administração de Sergipe, nada mais se faz senão descrever a estrutura utilizada em todos os estados brasileiros: a existência dos três poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário –, a existência de um governador e de uma assembléia legislativa com deputados, no âmbito estadual, e de um prefeito e uma câmara de vereadores, no âmbito municipal, bem como a descrição dos símbolos da bandeira, brasão e hino – que os demais estados também possuem.

Das 27 páginas – dentre as 75 totais no livro *SHG* – nas quais podemos identificar uma narrativa histórica, apenas 14 fazem alusão à experiência sergipana.

O livro *SNH*, como faz com as imagens, se destaca do livro *SHG* por trazer inúmeros elementos constitutivos da experiência histórica dos sergipanos para a narrativa textual.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

Embora faça alusões mais genéricas sobre os modos de vida indígena, os autores de *SNH* contextualizam a presença indígena em Sergipe desde antes da colonização, inclusive com localização através de mapa, trazendo informações históricas sobre os grupos existentes em diversos espaços de Sergipe.

Com relação à colonização, o livro *SNH* destaca além da presença holandesa, a tentativa de invasão francesa em Sergipe, bem como o processo de divisão de sesmarias e a organização do governo da capitania de Sergipe, definindo ainda a organização social política e econômica da época.

Com relação à presença negra em Sergipe, os autores destacam os diversos grupos africanos que vieram da África, bem como a localização no mapa de diversas regiões de quilombos no território sergipano.

No capítulo 9, ao tratar de Sergipe no início do século XIX, os autores discutem a formação das vilas e a população de Sergipe, os aspectos da dependência política e a luta pela independência – oficializada pela Carta Régia de 8 de julho de 1820, porém, só efetivada por ordem de D. Pedro I em 5 de dezembro de 1822. Os desdobramentos da independência são trabalhados nos capítulos que tratam de Sergipe como província do Império, com destaque para as revoltas internas, o florescimento urbano e o progresso econômico, o cotidiano, a transferência da capital de São Cristóvão para Aracaju, a presença de Sergipe na Guerra do Paraguai e a campanha abolicionista.

O período republicano é tratado de forma semelhante pelos autores, enfatizando aspectos dos problemas que assolaram o Brasil trazidos para a análise micro da região à qual o livro pretende abordar. Os reflexos, por exemplo, das crises ocorridas no Brasil e no mundo nos primeiros anos dos século XX são analisados a partir do que ocorreu em cidades de Sergipe e em especial do operariado de Aracaju.

Outros grandes temas como o tenentismo, a Segunda Guerra Mundial, o cangaço e a ditadura militar são explorados do ponto de vista das ocorrências em Sergipe, fazendo a ligação aos acontecimentos nacionais, porém sem perder o foco na história que se desejava contar: a de Sergipe.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

Os dados referentes à organização política e administrativa atual, bem como dos símbolos do Estado são apresentados em um capítulo específico intitulado “Estado e Cidadania”.

Em todas as páginas do livro *SNH*, a experiência histórica sergipana é explorada, inclusive através de mapas de localização contextualizados aos períodos abordados. Os autores, embora insiram Sergipe nos acontecimentos da história nacional, conseguem manter o foco de todo o trabalho nas especificidades regionais que fazem da experiência sergipana diferente da dos demais estados e passível de ser narrada historicamente.

Conclusão

Os livros de história regional, são impressos que registram a experiência de grupos que se identificam por fronteiras espaciais e sócio-culturais, seja na dimensão de uma cidade, um Estado ou uma Região do Brasil, e que são utilizados em situação didática no ensino de história. (cf. FREITAS, GALLY, MENEZES, 2007, p. 1). Dessa forma, espera-se que a partir dos conteúdos presentes nestes manuais seja possível ao aluno, compreender os processos de formação histórico específicos do seu grupo identitário.

A análise dos livros *Sergipe nossa história* e *Sergipe: História e Geografia* pode nos revelar que, apesar de não ser condição essencial, a identificação espacial e sócio-cultural dos autores com a experiência regional dos grupos historiados desempenha papel fundamental na construção de um livro didático de história regional.

O fato de serem habitantes e fazerem parte eles próprios da experiência histórica diária do estado – inclusive na prática como docentes -, municia os professores Wanderley Corrêa, Marcos Vinicius dos Anjos e Luiz Fernando Corrêa para a construção de uma narrativa mais próxima e inteligível da história dos sergipanos.

Embora do ponto de vista gráfico-editorial o livro *Sergipe nossa história* careça de um trabalho mais apurado, os conteúdos textuais, imagéticos e de referenciais locais se mostra superior ao livro *Sergipe: História e Geografia*, o qual do ponto de vista gráfico-editorial se apresenta direcionado às exigências mercadológicas atuais do livro,

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

porém, não consegue suprir a necessidade de aprendizado da experiência historiográfica sergipana, aproximando-se muito mais de um discurso turístico sobre o estado de Sergipe.

Referências

- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Guia do livro didático 2007**. História. Séries iniciais do ensino fundamental. Brasília : MEC/SEB, 2006.
- CORRÊA, Antônio Wanderley de M.; ANJOS, Marcos Vinicius M. dos; CORRÊA, Luiz Fernando de M. **Sergipe nossa história**. Aracaju : Edição dos autores, 2005.
- COUTINHO, Solange Galvão; SILVA, José Fábio Luna da. Linguagem visual em livros didáticos infantis. **15º ENANPAP**. Salvador, 2006.<Disponível em <http://www.unifacs.br/anpap/autores/168.pdf>>. Acesso em: 11/06/2007.
- DIÉGUEZ, J. L. Rodríguez. **Las funciones de la imagen en la enseñanza**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1977.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2 ed. São Paulo : Martins Fontes, 2003.
- FREITAS, Itamar; GALLY, Christianne; MENEZES, Hermeson Alves de. História do Brasil para crianças: a iniciativa de Acrísio Torres de Araújo. In: **II Seminário Internacional de História da Educação**, 2006, São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa/Grupo de Estudos em História da Educação, 2006.
- GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores**. 3 ed. São Paulo : Annablume, 2000.
- MEDEIROS, Celme Farias; MENEZES, Eduardo Frigoletto de. **Sergipe: História e Geografia**.
- MENEZES, Hermeson Alves de. Aspectos das mudanças no projeto gráfico nos manuais didáticos de História para o ensino fundamental (1970-1990). In: **III Encontro de Pós-Graduação da UFS**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2007.
- _____. Do ponto ao traço: projeto gráfico nos livros didáticos de História Regional. In: **XVI Encontro de Iniciação Científica - UFS/CNPq**. São Cristóvão, 2006.
- _____. Feitos sob medida: a coleção processo seletivo seriado e o projeto gráfico de materiais didáticos de história para o vestibular. In: **I Encontro Estadual de Professores de História**. Aracaju, 2008.
- _____. Linguagem visual e aprendizagem: um estudo das soluções gráficas em livros didáticos de História para as séries iniciais do Ensino Fundamental. In: **VI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História**. Natal: EDUFRN, 2007.
- _____. Livros didáticos de história de Sergipe para as séries iniciais do ensino fundamental: um estudo das soluções gráficas (1897-2007). In: **III Seminário Internacional de Educação**, 2007. São Cristóvão-SE.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

_____. Uma proposta de projeto gráfico de livros didáticos de história regional para as séries iniciais do ensino fundamental. In: **VIII Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História**. São Paulo, 2008.